

FICHA TÉCNICA

Título original: *Three Wisbes*

Autora: *Liane Moriarty*

Copyright © 2004 by LMM Creative Pty Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © Maria Heyens/Arcangel

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, março, 2019

Depósito legal n.º 452 212/19

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Por vezes acontece sermos acidentalmente os protagonistas de uma pequena representação em público da nossa comédia, tragédia ou melodrama.

Vamos a correr para apanhar o autocarro, com a pasta a balançar intensamente, tropeçamos e estatelamo-nos no passeio. Estamos presos no silêncio pesado de um elevador apinhado, e o nosso namorado diz uma coisa que nos enfurece («O que disseste?»), ou o nosso filho faz-nos uma pergunta bastante delicada, ou a nossa mãe liga-nos para o telemóvel a fazer uns quantos avisos tenebrosos. Vamos a arrastar os pés, num cinema, numa fila de joelhos, ofuscados pela intensidade das imagens dos filmes a estrear, e entornamos as pipocas para cima de um espectador. Estamos a ter um daqueles dias de infelicidade crescente e temos uma discussão violenta com alguém numa posição de poder: o caixa de um banco, a empregada de uma lavandaria, uma criança de três anos.

Podemos ignorar os sorrisos de esguelha de quem está a olhar para nós, fitá-los com um ar zangado ou encolher humoristicamente os ombros. Se não nos importarmos de dar nas vistas, podemos fazer-lhes uma pequena vénia. Não interessa muito o que fizermos, pois não temos controlo sobre o nosso papel nas pequenas histórias divertidas que eles já estão a compor. Pode acontecer que nos tirem ainda um pouco mais de dignidade.

Aconteceu a três mulheres numa noite fria de junho, em Sydney. (A verdade é que já lhes tinha acontecido durante toda a sua vida, mas daquela vez a sua atuação foi particularmente espetacular.)

O cenário era uma marisqueira, que o *Good Food Guide* de Sydney afirmava estar «cheia de surpresas», e o público excluía apenas as pessoas com um excesso de boas maneiras. Tirando estas, todos os presentes assistiram ao espetáculo na íntegra, com grande satisfação.

Poucas horas depois, o pequeno incidente já estava a ser descrito e reconstituído para gozo de *babysitters*, colegas de apartamento e cônjuges em casa, à espera. Na manhã do dia seguinte, já havia pelo menos uma dúzia de versões da história a circular pelos gabinetes de escritórios, cafés, *pubs* e creches. Algumas dessas versões eram divertidas, outras críticas; muitas foram censuradas, outras foram apimentadas.

Claro que não havia duas que fossem iguais.

A DISCUSSÃO DO DIA DE ANIVERSÁRIO

A noite de ontem? Fértil em acontecimentos.

Não, pá, não estou a falar desse tipo de acontecimentos. O encontro foi um desastre.

Não, não passou pouco tempo depois da Sarah. Já te disse que já estou pronto para ter outro relacionamento. O problema era a voz dela. Era como tentar falar ao telefone com alguém e a linha estar cheia de interferências.

Não estou a ser picuinhas — não conseguia ouvi-la! Há um limite para o número de vezes que se pode pedir a alguém que repita o que disse antes que isso se torne terrivelmente embaraçoso. Passei a noite toda meio debruçado sobre a mesa, a puxar pelos ouvidos e a adivinhar o que ela estava a sussurrar. A certa altura, ri-me ostensivamente de algo que pensei ser uma piada, e a pobre rapariga fez uma expressão de horror.

Ela até é simpática. Mas precisa de alguém com uns ouvidos melhores. De preferência com ouvidos biónicos.

Mas esquece o encontro. Tenho a certeza de que ela já se esqueceu. Por acaso, acho que não deve ter-se esquecido porque, como te disse... foi fértil em acontecimentos.

O restaurante estava apinhado e ficámos ao lado de uma mesa com três mulheres. A princípio, nem reparei nelas, porque estava a tentar aperfeiçoar a minha técnica de ler nos lábios. A primeira vez que olhei foi quando uma delas prendeu a alça da mala na minha cadeira.

Pois foi. Era gira. Mas eu prefiro... bem, estou a ir depressa de mais.

Bem, dava para ver que as raparigas estavam muito divertidas, a rirem à gargalhada e a falarem cada vez mais alto. De cada vez que se riam, eu e a minha companheira olhávamos um para o outro com um ar de comiseração.

Por volta das onze horas, animámo-nos um pouco porque a noite estava a chegar ao fim. Pedimos a lista das sobremesas, e ela utilizou a linguagem gestual para sugerir que comêssemos um cheesecake a meias. Não lhe estraguei completamente a noite dizendo que já não tinha dentes de leite. Que mania será essa das mulheres de dividirem a sobremesa? Ficam tão felizes.

Mas não chegámos a pedir, pois foi nessa altura que a ação começou. As luzes do restaurante apagaram-se e entraram três empregadas, cada uma com um enorme...

... BOLO DE ANIVERSÁRIO — imagina só!

E eu disse ao Thomas: Por amor de Deus! TRÊS bolos! Um para cada uma das raparigas! Todos com aquelas velas que deitam faíscas, que eu acho que são um risco de incêndio. E depois cantaram os parabéns — três vezes! O Thomas achou aquilo ridículo. De cada vez que cantaram, fizeram-no mais alto e com mais algazarra e, no fim, toda a gente que estava no restaurante estava a cantar.

Exceto o Thomas, claro. Ele tinha estado todo o jantar incomodado com o barulho que as três raparigas faziam. Até se queixou à empregada! Eu achei-as muito simpáticas e divertidas. Pelo menos, a princípio. A que estava grávida até me fez um sorriso simpático quando foi à casa de banho.

Serviram-se todas de umas fatias de bolo enormes! Era óbvio que não estavam a fazer dieta! E depois ainda foram roubar colheres de bolo ao prato umas das outras! Eu achei piada.

Estive sempre de olho nelas. Estavam a intrigar-me, sem que eu soubesse porquê. Reparei que, depois dos bolos, leram qualquer coisa em voz alta uma de cada vez. Pareceu-me que eram cartas. Não sei o que estava escrito naquelas cartas, mas foram poucos segundos depois de as terem lido que a gritaria começou!

Nem imaginas! Que bulha! Estava toda a gente a olhar! O Thomas estava aterrado.

Uma delas arrastou a cadeira para trás, pôs-se de pé, e nunca vi ninguém tão zangado! Tinha a cara muito vermelha e estava a gesticular com um garfo na mão e a gritar — isso mesmo, a gritar.

Bem, não sei se posso contar esta parte.

Está bem. Chega-te mais para cá que eu digo-te ao ouvido.

Estava a gritar: «Vocês as duas...

... FODERAM-ME A VIDA!»

E eu pensei: «Que raio estará a acontecer ali?»

Tinha acabado de dizer ao Sam que ia receber uma gorjeta choruda da mesa seis, por elas estarem tão divertidas e já todas tão bebidas.

Até a grávida bebeu duas taças de champanhe, o que não é nada bom, pois não? Não é verdade que, quando as grávidas bebem, podem ter filhos atrasados ou lá o que é?

Só não percebo como é que ela teve coragem para fazer aquilo à sua própria irmã. Eu sei que também fico furioso com a minha irmã, mas aquilo — bolas! Ainda por cima irmã gémea!

Já te tinha dito que eram três gémeas?

Estavam a festejar porque faziam trinta e quatro anos. Nunca tinha visto três gémeas e, como eram bastante simpáticas, estive a conversar com elas sobre isso. As duas loiras eram iguais. Até fazia confusão! Quando me disseram, nunca mais consegui tirar os olhos delas. Parecia aqueles jogos de descobrir as diferenças. Que estranho!

Uma delas disse que era fantástico ter duas irmãs gémeas. Adorava! A outra disse que era horrível. Fazia-a sentir-se uma mutante ou coisa do género. E a terceira disse que não era nada de especial, que não era diferente de ser de outra família.

E então começaram todas a discutir sobre o que é que sentiam por serem gémeas. Mas a discutir de uma forma divertida.

Foi por isso que me custou a acreditar quando as ouvi aos gritos. A discutirem a sério, como se se odiassem umas às outras. Foi embaraçoso. Foi como se estivessem a fazer uma coisa privada em público.

O Sam disse-me para lhes levar o café para ver se as distraía. Tentei fazer uma cara normal e foi quando estava a chegar à mesa delas que aquilo aconteceu.

Garanto-te que fiquei tão assustada que as chávenas até me tremiam nas mãos.

Sabes aqueles dois fósseis que vão lá à quinta-feira, de quinze em quinze dias? Aquela velha que pede sempre o leite-creme queimado? Aquela que tem o marido magricela que parece que lhe enfiaram uma coisa pelo cu acima? Bem, tinha as mãos a tremer tanto que a espuma do cappuccino até voou para cima da careca lustrosa do homem!

Pronto, está bem. Estou a tentar explicar-te a cena!

Uma das raparigas pôs-se de pé e desatou a gritar com as irmãs. E, durante todo o tempo que esteve a gritar, esteve sempre a brandir o garfo do fondue de um lado para outro.

É que, para entrada, pediram o fondue especial, estás a ver? Pensando melhor, eu é que tive culpa de o garfo do fondue ainda estar em cima da mesa.

Bolas, espero que não possam processar-me ou coisa do género.

Bem, a rapariga tem o garfo na mão e está a gritar como uma louca. E depois atira o garfo à irmã. Dá para acreditar?

E o garfo fica espetado no estômago da que está grávida!

Ela fica sentada a olhar para aquela barriga enorme com o garfo espetado. Era uma coisa estranhíssima.

A rapariga que atirou o garfo ficou de pé, com a mão no ar como se estivesse congelada. Como se estivesse a tentar impedir que um copo caísse ou coisa do género até reparar que já era tarde de mais.

E então — topa-me isto — desmaia.

Não, não foi a grávida. Foi a que atirou o garfo.

Começa a desfalecer e cai redonda para o chão e, quando vai a cair, bate com o queixo com toda a força na beira da cadeira.

Fica deitada no chão, completamente inconsciente,

A grávida fica sentada a olhar para o garfo espetado na barriga, sem emitir um único som. Fica a olhar para o garfo, como se estivesse a sonbar, e depois toca com o dedo na barriga e, quando o levanta, está cheio de sangue! Que nojo!

O restaurante está em silêncio absoluto; um silêncio que até dói. Está toda a gente sentada a olhar para elas.

E então a terceira irmã dá uma espécie de suspiro e abana a cabeça, como se não fosse nada de especial, espreita para debaixo da mesa à procura da mala, pega nela, tira...

... o telemóvel e chamou uma ambulância para as outras duas.

Depois ligou para mim e pediu-me que fosse ter com elas ao hospital. Francamente! Que cena!

Têm mais de trinta anos, por amor de Deus, e comportam-se como crianças. A atirarem coisas umas às outras em público! Que vergonha. E ainda por cima no seu dia de anos!

Acho que estão todas a precisar de ir ao psiquiatra, mas a um que tenha bom senso. Acho mesmo.

Lembras-te daquele restaurante na cidade, quando eram pequenas? Lembras-te? O gerente pediu-nos que saíssemos depois de a Lyn ter atirado um copo de limonada à Catriona. Que fiasco! Nunca me senti tão humilhada em toda a minha vida. Já para não falar da esplêndida garrafa de vinho que tivemos de deixar lá ficar. Dessa vez, a Cat teve de levar quatro pontos.

A culpa é tua, Frank.

Não. Faz todo o sentido.

Bem, se quiseres, podes dividir as culpas com a Christine.

Christine, Frank, era o nome da mulher que acabou com o nosso casamento. Isso é um bom sinal de como o teu espírito estava presente naquele pequeno incidente.

Não estou a afastar-me da questão, Frank! O fim do nosso casamento afetou muito as nossas filhas. O que aconteceu hoje não é normal! Nem mesmo entre trigémeas.

Ainda estava com o contabilista quando recebi a chamada. Fiquei sem palavras!

A única coisa que consegui dizer foi: «Desculpe, Nigel, mas a minha filha partiu o queixo ao desmaiar com o choque de ter atirado um garfo de fondue à irmã que está grávida!»

Devias tê-las visto quando cheguei aqui ao hospital. Estavam a rir à gargalhada, como se tudo aquilo tivesse tido muita piada. Fico tão furiosa com elas.

Não consigo percebê-las.

Não finjas que as compreendes melhor do que eu, Frank. Tu não conversas com elas; namoras com elas.

Além disso, estavam todas a tresandar a alho. Parece que para entrada pediram um fondue de marisco. Com franqueza. Que escolha mais esta-pafúrdia! Não me parece coisa que se deva comer.

Acho que também têm problemas com a bebida.

Não percebo onde está a graça, Frank. Podia ter feito mal ao bebé. Podia ter morrido.

*A nossa filha podia ter assassinado o nosso neto.
Meu Deus, podia ter vindo na capa do Daily Telegraph.
Não, acho que não estou a ser nada exagerada.
Obviamente, era isso que eu também gostava de saber. Foi a primeira
coisa que Ibes disse quando cá cheguei.
«Como é que diabo começou isso?»*

UM

Poderia dizer-se que começou há trinta e quatro anos, quando Frank Kettle, um ex-menino do coro alto, loiro, hiperativo, na altura com vinte anos, ficou repentinamente louco de desejo por Maxine Leonard, uma ruiva lânguida, com umas pernas enormes e prestes a fazer dezanove anos.

A testosterona pulsava dentro dele. Ela não era parva, mas cedeu. No banco de trás do *Holden* do pai de Frank. Duas vezes. A primeira vez meteu muitas cabeçadas, gemidos e mudanças sôfregas de posição, enquanto Johnny O'Keefe gritava com eles pelo rádio do carro. A segunda vez foi mais calma, mais terna e bastante agradável. No entanto, de ambas as vezes, o resultado catastrófico foi o mesmo: um dos pequenos e exuberantes espermatozoides de Frank acertou de cabeça num dos óvulos, bastante menos excitados, de Maxine, interrompendo o que deveria ter sido uma viagem sem incidentes rumo à não-existência.

Nos dias seguintes, enquanto Maxine continuava a sair castamente com rapazes mais apropriados, e Frank perseguia uma morena cheia de curvas, dois óvulos recentemente fertilizados iam descendo aos saltos pelas trompas de Falópio de Maxine em direção ao paraíso do seu jovem útero aterrorizado.

No exato momento em que Maxine permitiu que Charlie Edwards, um ótimo partido, segurasse os seus longos cabelos ruivos enquanto ela esvaziava as bochechas para apagar dezanove

velas, um óvulo agitou-se com tanta fricção que se partiu em dois. Entretanto, o outro óvulo aninhou-se confortavelmente entre os dois novos óvulos idênticos.

Na festa de anos de Maxine, os convidados acharam-na mais bonita do que nunca — elegante, com boas cores, quase incandescente! Quem iria adivinhar que tinha sido impregnada com trigêmeos por um católico qualquer?

Frank e Maxine casaram-se, como é óbvio. Nas fotografias do casamento, estão ambos com o olhar vazio e sedado de vítimas recentes de um trauma.

Passados sete meses, as trigêmeas vieram ao mundo, aos pontapés e aos gritos. Maxine, que nunca na vida tinha pegado num bebé, foi presenteada com três; foi o momento mais desesperante da sua ainda jovem vida.

Teria sido esta a descrição preferida de Gemma da forma como tudo começou. Cat argumentaria que, se era para começar desde o momento da concepção, porque não ir mais atrás, à árvore genealógica de toda a família? Porque não ir até aos macacos? Porque não começar pelo Big Bang? Acho que, na verdade, fui o Big Bang da mamã e do papá, diria Gemma, por entre gargalhadas. Que gracinha, diria Cat. Vamos analisar a questão com lógica, interromperia Lyn. É óbvio que tudo começou na noite do esparguete.

E, naturalmente, Lyn teria razão.

Foi numa quarta-feira à noite, seis semanas antes do Natal. Uma noite sem nada de especial. Uma noite a meio da semana que, na sexta-feira, já teria desaparecido da sua memória. «O que é que fizemos na sexta-feira?» «Não sei. Vimos televisão?»

Era isso que estavam a fazer. Estavam a comer esparguete e a beber vinho tinto, à frente da televisão. Cat estava sentada no chão de pernas cruzadas, com as costas encostadas ao sofá e o prato no colo. O marido, Dan, estava sentado na beira do sofá, debruçado sobre o jantar pousado na mesinha da sala. Era assim que jantavam sempre.

Fora Dan quem tinha feito o esparguete; por isso, era muito e não tinha sabor. Cat cozinhava melhor. Dan tinha uma atitude demasiado funcional em relação à culinária. Misturava os ingredientes, como se

estivesse a fazer cimento, com um braço a abraçar a tigela e o outro a mexer a mistura gorgolejante com tanta força que se conseguia ver os seus bicípites a trabalhar. «E então? O que interessa é que fica feito.»

Nessa quarta-feira à noite, Cat não estava a sentir nenhuma emoção em especial; nem particularmente feliz, nem particularmente triste. *A posteriori* foi uma sensação estranha ver-se ali sentada, a atafulhar a boca com o esparguete de Dan, tão ridícula-mente confiante na sua vida. Apetecia-lhe gritar para si própria através do tempo: *Concentra-te!*

Estavam a ver um programa intitulado *Med School*. Era uma telenovela sobre um grupo de jovens estudantes de Medicina, todos muito belos, com uns dentes muito brancos e reluzentes e vidas amorosas complicadas. Os episódios tinham sempre muito sangue, muito sexo e muita angústia.

Cat e Dan partilhavam uma ligeira adição em relação ao *Med School*. Sempre que o enredo tinha um desenvolvimento inesperado, reagiam com grande entusiasmo, gritando para a televisão como crianças a verem uma pantomina: «Sacana!» «Deixa-o!» «Isso é o medicamento errado!»

Naquela semana, Ellie (loira, piegas, *T-shirts* rasgadas) estava com um problema. Não sabia se havia de contar ao namorado, Pete (moreno, sonhador, abdominais anormais), o ato de infidelidade que cometera sob o efeito do álcool com um personagem problemático.

— Conta-lhe, Ellie! — disse Cat para a televisão. — O Pete vai perdoar-te. Ele vai compreender!

Apareceu o separador da publicidade, com um homem com um casaco amarelo a correr como louco por um centro comercial e a apontar um dedo incrédulo às promoções do Natal.

— Hoje encomendei aquela coisa da beleza e saúde — disse Cat, utilizando o joelho de Dan como apoio para chegar à pimenta. — A mulher tinha uma daquelas vozes espirituais e pegajosas. Foi como se estivesse a fazer-me uma massagem só por estar a tomar nota da minha encomenda.

A prenda de Natal que ia dar às irmãs (e a si própria) era um fim de semana num *spa* nas Blue Mountains. Iam partilhar as três uma «experiência única» de cuidados e prazer. Seriam envoltas

em plantas marinhas, mergulhadas em lama e cobertas de cremes ricos em vitaminas. Iria ser extremamente divertido.

Estava satisfeita consigo própria por ter pensado naquilo. «Que boa ideia!», diria toda a gente no dia de Natal. Lyn estava definitivamente a precisar de aliviar do stresse. Gemma não precisava, mas iria fingir que precisava. Cat também não estava particularmente stressada, mas talvez estivesse, porque não estava grávida e há quase um ano que deixara de tomar a pílula. «Não fiques preocupada com isso», diziam todos, com sensatez, como se fossem os primeiros a dar essa dica tão pertinente. Parece que basta os ovários repararem que uma mulher está ansiosa por engravidar para se recusarem a colaborar. *Bem, se é para estares toda nervosa com isso, fechamos e pronto.*

Seguiu-se um anúncio de um seguro de saúde e Dan disse, crispado:

— Odeio este anúncio.

— É eficaz. Vê-lo com mais atenção do que qualquer outro anúncio na televisão.

Dan fechou os olhos e virou a cabeça.

— Pronto. Não estou a olhar. Não estou a olhar. Oh, meu Deus! Mesmo assim, ainda ouço a voz irritante da mulher.

Cat pegou no comando e aumentou o volume.

— Aaaagh! — Dan abriu muito os olhos e arrancou-lhe o comando.

Dan estava a agir de uma forma perfeitamente normal. Cat lembrou-se disso mais tarde e, em certa medida, isso ainda piorou mais as coisas. Todos os momentos em que ele agira com normalidade faziam parte da traição.

— Chiu! Vai começar outra vez.

Pete, o namorado traído de Ellie, apareceu no ecrã, a fazer abdominais. Ellie olhou para os espectadores com uma expressão de culpa.

— Diz-lhe — sugeriu Cat. — Eu cá ia querer saber. Não ia suportar não saber a verdade. É melhor contares-lhe, Ellie.

— Achas? — perguntou Dan.

— Acho. E tu, não?

— Não sei.

Não se ouviu nenhuma campainha a tocar em sinal de aviso na cabeça de Cat. Tinha pousado o copo de vinho na mesinha e estava a apalpar uma borbulha que tinha acabado de lhe aparecer no queixo, sem dúvida um prenúncio malévolos de que o período estava para aparecer. *Este mês não vai haver bebé para esta mulher. Podes tirar o cavalinho da chuva! Continua a tentar!* Cat tinha começado a dar algumas gargalhadas amargas, lançando a cabeça para trás, um pouco como uma bruxa, ao sentir as primeiras gotas traiçoeiras de sangue. Era uma piada tão má, um anticlímax tão esmagador, depois de tantos anos a afirmar categoricamente que *não* tinha filhos, depois de tantos meses de «Será que estamos preparados para esta mudança tão importante na nossa vida? Acho que estamos, não achas? Talvez seja melhor termos mais *um* mês de liberdade!».

Não penses nisso, disse para si própria. Não penses nisso.

— Cat — disse Dan.

— O que é?

— Preciso de te dizer uma coisa.

Ela desdenhou do seu tom grave, mas agradeceu-lhe ter algo que a distraísse da borbulha. Pensou que ele estivesse a referir-se ao programa.

— Ai, meu Deus! — exclamou, trauteando a banda sonora de *Med School* que avisava os espectadores de que estava prestes a acontecer qualquer coisa de dramático e terrível. — O que foi? Fizeste o mesmo que a Ellie? Foste-me infiel?

— Fui. — A boca dele fez um trejeito estranho. Parecia um rapazinho apanhado a fazer uma maldade.

Cat pegou no comando e desligou a televisão. O seu coração estava a bater descompassadamente por medo, mas também por um desejo estranhamente urgente, um desejo de *saber*. Era aquela sensação doentia de resistência excitada no ponto mais alto de uma montanha-russa — não quero cair naquele precipício, mas quero, quero!

— Quando? — Ainda não estava a acreditar. Estava ainda a tentar rir-se. — Há muitos anos, queres tu dizer. Quando começámos a andar os dois? Não estás a querer dizer que foi há pouco tempo, pois não?

— Foi há mais ou menos um mês.

— *O quê?*

— Não significou nada. — Dan baixou os olhos para o seu prato e apanhou um cogumelo com os dedos. A meio caminho, deixou-o cair e limpou a boca com as costas da mão.

— Não te importas de começar pelo princípio, por favor? Quando foi?

— Uma noite.

— Que noite? Onde é que eu estava? — Cat tentou lembrar-se de algum acontecimento nas últimas semanas. — *Que noite?*

Pelos vistos, tinha conhecido uma rapariga há três semanas, numa terça-feira à noite, depois de um jogo de *squash*. Ela tinha-se atirado a *ele*, o que o deixara muito lisonjeado, pois era bastante atraente. Tinha bebido de mais e tinha ido para casa dela, e as coisas foram-se sucedendo. Obviamente, não tinha significado nada. Não sabia por que tinha feito uma coisa tão, tão estúpida. Talvez tivesse sido por causa do stresse que ultimamente andava a ter no emprego, e também a história do bebé. Claro que não voltaria a acontecer, e estava muito, muito, *muito* arrependido e amava-a muito e, meu Deus, que alívio poder deitar aquilo cá para fora!

Era como se lhe tivesse acontecido uma coisa muito interessante e rara e ele se tivesse esquecido de contar a Cat. Cat foi fazendo perguntas, e ele foi respondendo. «Onde é que ela morava?» «Como é que vieste para casa?»

Acabou de contar a sua história, e Cat olhou fixamente para ele, com cara de estúpida, à espera de sentir algum sofrimento. Todos os seus músculos estavam tensos, antecipando esse sofrimento. Era como dar sangue e estar à espera que o médico, sorridente, lhe encontrasse a veia.

— Como é que ela se chamava? — perguntou Cat.

— Angela — respondeu Dan, desviando os olhos.

Até que enfim. Uma estranha palpitação no coração porque a rapariga tinha *nome* e Dan *sabia* qual era.

Olhou fixamente para o jantar que esfriava no prato, vendo cada fio de esparguete a ondular como uma cobra com uma definição

nauseabunda. Era como se a lente do telescópio tivesse sido ajustada e o seu mundo até então desfocado estivesse agora bem nítido.

Observou com uns olhos novos a sua sala de estar. Almofadas dispostas ao acaso sobre a poltrona, tapete de cores vivas sobre o soalho polido. A estante, decorada com fotografias, todas elas cuidadosamente escolhidas e emolduradas como prova das suas vidas felizes e ativas. Vejam só como somos amorosos e cosmopolitas, elegantes e bem-humorados! Nesta estamos a sorrir e a abraçarmos-nos com os nossos fatos de esquí! Nesta outra estamos a rir, muito divertidos, antes de irmos fazer mergulho! Naquela estamos numa festa com os nossos amigos, a fazer caretas para a objetiva!

Cat tornou a olhar para Dan. O seu marido era um bonito homem, e isso costumava deixá-la preocupada, mas de uma forma divertida e não verdadeiramente preocupada.

Ele traiu-me, pensou, tentando absorver a ideia. Era estranho. Surrealista. Uma parte dela queria ligar outra vez a televisão e fingir que nada tinha acontecido. Tenho de ir engomar a saia que vou vestir amanhã, pensou. Tenho de fazer a lista das compras de Natal.

— Não foi nada — insistiu Dan. — Foi um caso que só durou uma noite.

— Não digas isso!

— Está bem.

— Isto é tudo tão *nojento*.

Ele olhou para ela com uma expressão suplicante. Tinha uma nódoa de molho de tomate a tremer por baixo do nariz.

— Tens comida na cara — disse Cat, num tom furioso. A culpa dele estava a instigá-la, a dar-lhe o poder da virtude. Ele era o criminoso e ela o polícia. O polícia mau. O que agarrava o bandido pela camisa e atirava com ele contra a parede. — Porque é que estás a contar-me isso agora? — perguntou. — É só para te fazer sentir melhor?

— Não sei. Estava sempre a mudar de ideias. Mas quando tu disseste que, se fosse contigo, gostarias de saber a verdade...

— Estava a falar com a *Ellie*! Estava a ver televisão! Estava a jantar!

— Então, não estavas a falar a sério?

— Por amor de Deus! Agora já é tarde de mais.

Ficaram em silêncio durante alguns segundos até que, de repente, ela sentiu vontade de chorar como uma menina de cinco anos no recreio da escola, porque Dan deveria ser *amigo* dela, o seu amigo especial.

— Mas porquê? — A voz dela cedeu. — Porque é que fizeste isso? Não percebo porque havias de ter feito uma coisa dessas.

— Não significou nada. A sério: não significou nada.

Teriam sido os amigos dele a ensinar-lhe a dizer aquilo? «Diz-lhe que não significou nada, pá. É o que elas querem ouvir.»

Se ela fizesse parte do *Med School*, teria sido uma única lágrima a rolar pelo seu rosto muito lentamente, de uma forma muito comovente. Mas o que estava de facto a acontecer é que estava a fazer uns sons estranhos ofegantes, como se tivesse estado a correr.

— Não fiques zangada, por favor. Cat. Querida.

— Não me *irrites!*

Dan tentou pousar a palma da mão no braço dela. Ela afastou-a violentamente, gritando:

— Não me toques!

Olharam um para o outro, horrorizados. O rosto de Dan estava de um branco-pastoso. Cat estava a tremer por causa da revelação, súbita e fraturante, de que ele tinha tocado numa mulher que ela nunca tinha visto. Tocado nela de cima a baixo. Devia tê-la beijado. E aqueles ínfimos pormenores do sexo.

— Tiraste-lhe o sutiã?

— Cat!

— Quer dizer, de certeza que não ficou de sutiã. Só quero saber se foi ela que o tirou ou se foste tu. Meteste-lhe a mão pelas costas acima, enquanto estavam a beijar-se, e desapertaste-lho? Tinha daqueles fechos difíceis? São uma seca, não são? Há muito tempo que não tinhas de te preocupar com isso. Como é que correu? Deste um suspiro de alívio quando conseguiste tirar-lho?

— Para com isso, por favor.

— Não paro nada!

— Está bem, tirei-lhe o sutiã! Mas não significou nada. Estava bêbedo. Não foi nada como é connosco. Não...